O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, JUNHO/2007 - ANO XI - Nº 125

EDITORIAL

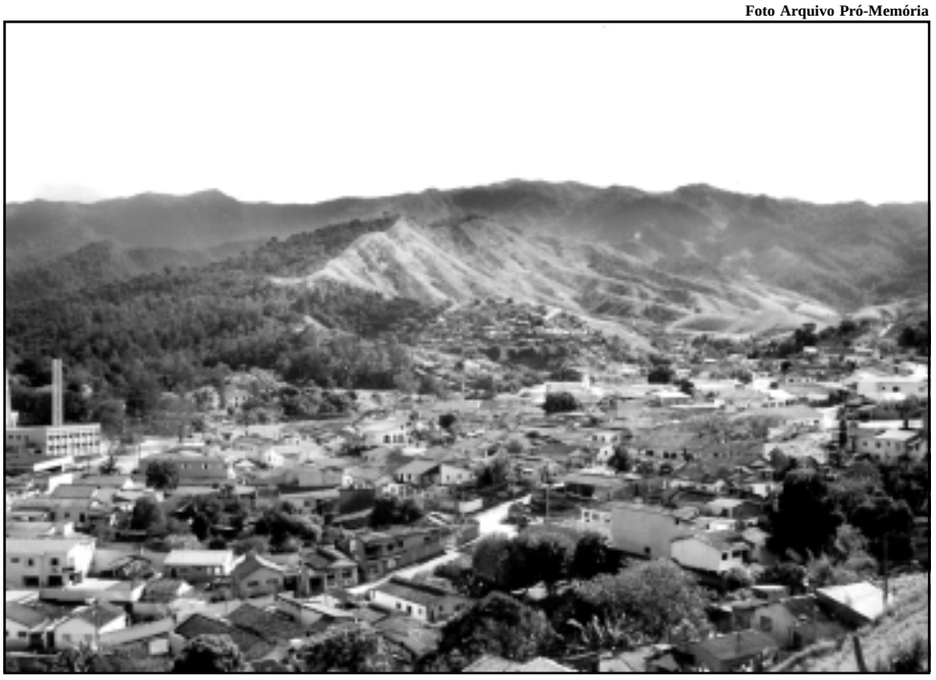
Nas últimas semanas, os meios de comunicação noticiaram uma série de escândalos de corrupção envolvendo autoridades governamentais. Com tantos casos vindo ao conhecimento público, não podemos deixar de observar o descrédito da população pela política e seus personagens. Muitos brasileiros sentem-se envergonhados e impotentes com atos de improbidade, negociatas e ladroagem que crassam nos setores públicos. O fenômeno da corrupção é de tal monta, que vem chamando a atenção de diversos pesquisadores das áreas de Ciências Políticas, Sociologia e Economia, as quais o vêm estudando.

Etimologicamente, a palavra corrupção deriva do latim "corruptus", que, numa primeira acepção, significa quebrado em pedaços, e, noutra, apodrecido, pútrido. Por conseguinte, o verbo corromper significa tornar pútrido, podre. E é essa a idéia que muitos têm do mundo da política, que está cada vez mais podre e nebuloso. É lamentável, para nós brasileiros, constatar a podridão moral e de valores éticos de muitas autoridades, políticos e governantes do país. Nossa história mostra que as práticas ilícitas do desvio de recursos, do favorecimento a amigos e parentes e da troca de favores nos têm condenado a um estado de subdesenvolvimento crônico.

Tão grave quanto a corrupção é a banalização dos comportamentos antiéticos, os quais são traduzidos em ditos populares como "rouba, mas faz". O bom uso da máquina pública não deve ser visto como uma cortesia, mas como uma obrigação do governante eleito. O descrédito das instituições e a indiferença dos cidadãos pela política não colaboram para se conter esse fenômeno. O dinheiro desviado pelo superfaturamento de obras públicas e sonegação de impostos faz falta para se investir em infra-estrutura, educação e saúde pública.

Viver em sociedade significa pensar no coletivo acima de seus próprios interesses. A população precisa estar atenta e exercitar a cidadania. É preciso fiscalizar, cobrar e participar.

Foto Arquivo Pró-Memória



Localizado numa área de preservação ambiental, Piquete requer, em seu 116º aniversário de emancipação político-administrativa, especial atenção para seu patrimônio natural.

Piquete e meio ambiente: uma reflexão

Piquete comemorou, no dia 15 de junho, mais um aniversário de emancipação político-administrativa, data que nos inspira sentimento de civismo e amor por nossa terra. Como em todos os anos, a comunidade preparou-se para essa data: desfile cívico, inaugurações, sessão solene com outorga de títulos de mérito e culto ecumênico. Em junho, comemorou-se, também, o dia mundial do meio ambiente. Essas duas datas deveriam manter intrínseca relação, uma vez que a nossa Piquete é conhecida como "Cidade Paisagem". No entanto, isso não acontece.

Para que Piquete seja realmente merecedor desse título é preciso muito trabalho em prol da questão ambiental. O dia do meio ambiente é propício para se celebrar o milagre da vida, a beleza da natureza e, ao mesmo tempo, alertar sobre os riscos à sobrevivência do ser humano se continuar a degradação, poluição e desrespeito ao meio ambiente.

O planeta Terra anda passando por maus pedaços: rios poluídos, queimadas, devastação de florestas, desmoronamento de encostas, extinção de espécies animais e vegetais, aquecimento global em função da emissão de gases resultantes do uso excessivo de combustíveis fósseis e do desmatamento... Além disso, existem milhões de seres humanos passando fome, sem moradia ou saneamento em condições adequadas, desempregados ou em subempregos. Os processos relacionados a tanta degradação ambiental e social acentuaram-se nas últimas décadas em virtude de limites ecológicos, culturais e éticos serem menosprezados em favor da materialização e da mercantilização da vida.

Em Piquete, os problemas ambientais não são diferentes dos de outros lugares. Neste mês, ao comemorarmos mais um aniversário e questionarmos seu futuro, pensa-se no turismo como uma alternativa para se alavancar o tão sonhado desenvolvimento. São inegáveis sua potencialidade e vocação turísticas. Mas só belezas naturais não são suficientes para que isso aconteça. Jornais do final do século 19, logo após a emancipação do município, já cogitavam sobre o tema. Porém, nada de concreto aconteceu até hoje. Um projeto turístico deve ser elaborado de forma a envolver toda a sociedade. São necessárias ações voltadas para a preservação ambiental. Cuidar do meio ambiente implica tanto em preservar, evitando qualquer interferência humana, quanto conservá-lo por meio de atitudes responsáveis, de forma que se mantenha a capacidade de "regeneração", sem se perder a vitalidade e a diversidade de espécies. Cuidar das áreas de mananciais ou de mata atlântica, por exemplo, é importante tanto para garantir água para todos, como para proporcionar condições dignas de vida à população.

Imagem - Memória

Foto arquivo Pró-Memória

Pelas ruas da cidade, as procissões eram sempre acompanhadas pelas irmandades e pela Euterpe Piquetense: era um espetáculo de fé. Na imagem, Procissão de Corpus Christi, na Praça Duque de Caxias.

Procissões: caminhada de oração do povo de Deus

Em 1864, Dom Sebastião Pinto do Rego, bispo de São Paulo, atendendo a uma petição dos moradores de Piquete, assinou uma Provisão em que concedia "faculdade para que possão erigir e fundar no dito bairro uma capela sob a invocação de São Miguel, contanto que fique em lugar alto e livre de umidade e tenha âmbito em roda para poder andar procissão". Esse documento aponta um costume adotado pela Igreja, o das procissões, prática que sempre esteve presente na vida dos homens desde tempos imemoriais.

O homem sempre gostou de ser exaltado tanto durante a vida, quanto após a morte. Reis e generais vencedores de batalhas eram recebidos em triunfo quando voltavam de suas conquistas. Grandes cortejos os precediam em meio a cantos e aclamações. Cortejos tristes e com lamentações levavam os mortos ilustres à sua última morada. Quanto mais ilustre o defunto, maior o cortejo.

O cristianismo adotou muitos dos costumes puramente humanos e até pagãos, dando-lhes sentido espiritual e valor sobrenatural. Um desses costumes é a procissão, que, apesar de não se constituir um elemento essencial da vida religiosa, não deixa de ser um incentivo à piedade.

O próprio Cristo não hesitou em recorrer a ela: aceitou e, talvez pudéssemos dizer, promoveu a sua Entrada Triunfal em Jerusalém, uma semana antes de sua morte, montado num jumentinho, precedido e seguido de numerosa multidão que segurava palmas e ramos de oliveira e gritava: "Hosana! Bendito seja o que vem em nome do Senhor!" Logo que entrou em Jerusalém, toda a cidade se pôs em alvoroço. (Mat, 21-10)

Há procissões triunfais, procissões fúnebres e procissões penitenciais. Há procissões litúrgicas, isto é, que fazem parte dos ofícios litúrgicos, como as duas procissões da missa: a da Pequena Entrada, feita com o santo Evangelho, e a da Grande Entrada, ou Ofertório, feita com o cálice e a patena, que contêm as oferendas a serem consagradas. Temos, também, a Procissão do Enterro de Cristo, na Sexta-Feira Santa, e a procissão do Fogo Sagrado, no Sábado Santo, etc. Há procissões de devoções particulares, como a procissão com a imagem do padroeiro da Igreja paroquial, no dia da sua festa, e outras.

As procissões – até as devoções particulares – geralmente têm efeito benéfico sobre a fé dos fiéis. Pastoralmente, as procissões produzem um efeito salutar, maior, talvez, que o melhor sermão pronunciado pelos melhores pregadores. O efeito é ainda maior quando se unem procissão e pregação.

Em Piquete, desde a criação da Paróquia de São Miguel, em outubro de 1888, os moradores sempre tiveram nas procissões uma forma de demonstrar a fé. Apesar de a paróquia ter ficado sem padre residente por mais de 40 anos, a comunidade manteve-se fiel à igreja Católica e aos seus preceitos. Em fevereiro de 1934, chegou a Piquete o padre João Guimarães para administrar a Paróquia. Permaneceu por apenas um ano, mas executou profícuo trabalho de apostolado: com vasta cultura, capacidade administrativa e carisma, atraiu para a matriz parcela significativa da comunidade, que teve reforçada a espiritualidade. Criou organizações religiosas como a Congregação Mariana, a Pia União das Filhas de Maria, o Apostolado da Oração, a Associação de São José, a Irmandade de São Benedito, a Cruzada Eucarística Infantil... As obras assistenciais e de caridade ganharam força. Padre João Guimarães também organizou as capelas rurais e estimulou as procissões, que atraíam multidões de fiéis, como instrumento de evangelização. Pela primeira vez a população pode comemorar a Semana Santa: tivemos as procissões de Ramos, do Encontro, do Enterro e da Ressurreição. No mês de maio, houve procissões todos os dias, culminando com a coroação de Nossa Senhora, no dia 31. A antiga matriz de São Miguel ficava lotada com fiéis da cidade e da zona rural. Pelas poucas ruas da cidade, as procissões eram sempre acompanhadas pelas irmandades e pela Euterpe Piquetense: era um espetáculo de fé.

Para os fiéis, as procissões têm profundo significado: sinalizam a caminhada de oração do povo de Deus, em comunidade, rumo à Casa do Pai, e unem todos na fé, na caridade e na esperança.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:
Antônio Carlos Monteiro Chaves
Jornalista Responsável:
Rosi Masiero - Mtd-20.925-86
Revisor:
Francisco Máximo Ferreira Netto
Redação:
Rua Coronel Pederneiras, 204
Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207
Correspondência:
Caixa Postal nº 10 - Piquete SP
Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino Gonçalves Dias Jr.
Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

GENTE DA CIDADE

Taninha Chaves

A primeira mulher a se eleger para um cargo no Legislativo foi a professora Taninha Chaves. Eleita em 1975 pela extinta ARENA, entrou para a política a convite de Christiano Rosa e Alaor Ferreira. A partir de então, outras piquetenses ocuparam, de maneira marcante, uma vaga na Câmara Municipal, participando efetivamente da vida do município: Adelina Porto de Miranda, Therezinha Generoso, Regina Lima, Lygia Prado Leal, Ana Leal e outras... A professora Taninha acredita que a mulher tem que buscar, cada vez mais, sua participação nos diferentes segmentos da sociedade, visto ser mais sensível às necessidades da população. Segundo ela, Piquete dará um salto de qualidade quando uma mulher ocupar o Executivo.

Nascida em Piquete a 15 de maio de 1935, Sebastiana Botelho Chaves é filha de Ildefonso Peixoto Lobo Botelho e Durvalina Maria Alvarenga. Sua formação escolar teve início no Grupo Escolar da Fábrica, à época em que o diretor era Melquíades Pereira Júnior, "que dirigia com segurança e muita organização aquela instituição."

Aluna do Departamento Educacional da Fábrica, matriculou-se na Escola Industrial Feminina. Pensa que a experiência educacional oferecida pela Fábrica nos anos 40 e 50 deveria ser reformulada e aplicada aos dias de hoje. Os alunos do Departamento beneficiavam-se de excepcional sistema de educação, com dinâmica estrutura, aulas de civismo, muita disciplina, além de formação profissional, técnica, esportiva e atividades extra-curriculares. "Recebíamos educação integral: pela manhã, cultura geral; à tarde, oficinas coordenadas pela professora Antonieta Azevedo, vinda de São Paulo... Ela era auxiliada pelas ex-alunas Otília Pereira, Iracema Silva, Ana Nascimento." As aulas eram de corte-costura e bordado. "Tínhamos um pequeno salário, pago pela venda de nossa produção para São Paulo, Rio de Janeiro e outras cidades." Taninha ressalta que, após o quarto ano da Escola Industrial, havia um ano a mais, em que cursavam as matérias complementares para a formação ginasial.

Em 1955, Taninha casou-se com José Theóphilo Monteiro Chaves. Após o casamento, ingressou na Escola Normal. Cursou, ainda, Pedagogia e Educação Artística, com especialização em História da Arte. Lecionou em São José dos Campos e Lagoinha. Em Piquete, nas escolas Darwin Félix e Leonor Guimarães.

Aposentada há vários anos, Taninha ocupa um bem dimensionado espaço na sociedade piquetense, o que julga ser uma obrigação de todos, "para que consigamos maior fraternidade e justiça".

Espírito cristão, sempre trabalhou em obras assistenciais em prol dos necessitados. Foi uma das fundadoras da extinta Rede Feminina de Combate ao Câncer. Atualmente, tesoureira da Liga Piquetense de Combate ao Câncer, participa, também, de atividades da Igreja como Legionária de Maria, e da Associação de Professores Aposentados de Piquete (APAP).

Sensível à beleza, tornou-se artista plástica de destaque no município. Participa de diversas exposições na região, sempre com muito êxito. A inspiração, diz, vem da memória do marido, que era um de seus maiores incentivadores.

Na companhia dos quatro filhos e três netos, Taninha é modelo de cidadã. Crítica e decidida, acompanha de perto os trabalhos da filha, a vereadora Evelize Chaves, cobrando-lhe firmes atitudes. As limitações da idade não lhe interrompem as atividades: "Temos de nos manter atuantes para continuar vivos. Quero trabalhar sempre. Acredito que ainda tenho muito a contribuir para minha terra natal".

No aniversário de 116 anos de Piquete Taninha é exemplo para as novas gerações, que esperam futuro melhor para a cidade.

Taninha e amigas da Liga Piquetense de Combate ao Câncer, em seu aniversário de 2005.

Fotos arquivo Pro-Memória

Novos caminhos para as Igrejas

Pe. Fabrício Beckmann

No dia 29 de maio, foi concluída, em Aparecida, a V CELAM, que dará novas diretrizes à ação pastoral da Igreja latino-americana e caribenha.

Embora o documento elaborado pelos bispos ainda não tenha sido aprovado por Bento XVI, as primeiras informações que temos recebido dessa Conferência são muito animadoras. Os bispos utilizaram, para analisar a conjuntura de nosso continente, o tradicional método de pastoral latino-americano do ver, julgar e agir. A partir de um olhar sobre a realidade vivida pelos nossos povos, faz-se um confronto com os valores do Evangelho e detectam-se as contradições existentes entre essa realidade e o projeto cristão de justiça e fraternidade. Então, apontam-se ações necessárias para que o Evangelho seja implantado e vivido entre nós, gerando vida para nossa gente.

Contrariando as expectativas dos que esperavam conclusões conservadoras e anacrônicas, a começar pela metodologia utilizada, a Conferência de Aparecida causou surpresas: revitalizou temas fundamentais como a opção preferencial pelos pobres, a importância de uma Igreja com face mais popular concretizada nas comunidades eclesiais de base e a necessidade de se avançar no diálogo ecumênico e religioso.

Outros temas de grandes relevância, como a maior participação na sociedade e na Igreja, o acompanhamento das famílias e da juventude, o cuidado pela criação e sua manutenção, o esforço de fazer de nosso continente um modelo de reconciliação, justiça e paz também darão o tom à nova caminhada de nossas Igrejas, nos próximos anos.

A Conferência de Aparecida foi encerrada com uma convocação feita a todos os fiéis da América Latina e do Caribe, para que realizem uma grande missão continental capaz de fazer com que nossas sociedades sejam marcadas pelos princípios evangélicos e se tornem mais justas, respeitosas e includentes, trazendo o reino de Deus, tão anunciado e querido por Jesus, para uma realidade mais próxima de nós.

Desejamos que todos os católicos e pessoas de boa vontade acolham o apelo dos bispos do CELAM e se empenhem para que, em Cristo, nossos povos tenham vida.

Notas da Cidade

☑ ***Nova diretoria do CONSEG***

Tomou posse, no dia 08 de junho, a nova diretoria do CONSEG para o biênio 2007/ 2009: **Presidente**: Sidnei de Barros Magalhães; **Vice-Presidente**: Domingos Sávio Ribeiro; **1º Secretário**: Jairo Vanderlei Ferreira; **2º Secretário**: Celso Luiz de Souza; **Diretor Social Comunitário**: Sebastião F. de Paula; **Comissão Ética**: Luiz Celso Colombo, Maria Regina Lima e João Bosco da Silva.

☑ ***Piquete comemora 116 anos***

Aconteceu, no dia 15 de junho, o tradicional desfile cívico em comemoração ao 116º aniversário de emancipação político-administrativa de Piquete. Mais uma vez as escolas e entidades do município abrilhantaram o evento, que contou com a presença maciça da população e de autoridades civis e militares.

☑ ***"Piquete cantada em Imagens"***

A loja "Sinhaninha" promoveu exposição de fotos do piquetense Adenauer Porto de Miranda em comemoração ao aniversário de Piquete. Sob o título "Piquete cantada em imagens", as fotos mostraram vários ângulos da Cidade Paisagem, relacionando-os à letra do hino do município, de autoria de Nelo Pelegrine, também homenageado. Parabéns pela iniciativa.

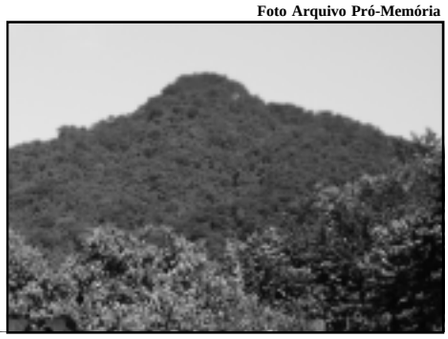
☑ ***Chá Beneficente***

A Liga Feminina de Combate ao Câncer de Piquete promoveu, no dia 16 de junho, no Cassino dos Oficiais, um Chá Beneficente coordenado pelo casal Dadinha e José Augusto Costa. O evento contou com a adesão de muitos convidados, que contribuíram para a nobre causa dessa entidade piquetense que conta, atualmente, com 26 assistidos. Parabéns aos organizadores!

☑ ***Torneio de Judô Aniversário de Piquete***

Aconteceu na Quadra de Esportes do Colégio Estadual "Profa. Leonor Guimarães", no dia 17 de junho, o Torneio de Judô Aniversário de Piquete, do qual participaram quinze associações do Vale do Paraíba e Sul de Minas. Ao final, os resultados foram os seguintes: **1º Lugar**: Associação de Judô de Piquete (145 pontos); **2º Lugar**: Fundação Itanhanduense, de Itanhanhdu/MG (97 pontos); **3º Lugar**: ADPM, de São José dos Campos/SP (87 pontos); **4º Lugar**: Associação de Judô Oriente, de Baependi/MG (65 pontos); **5º Lugar**: Grêmio Recreativo FABRIVA, de Cruzeiro/SP (60 pontos).

Foto Arquivo Pró-Memória



RPPN e cumprimento das Leis

Piquete é privilegiado pela sua localização geográfica, suas belezas naturais e por manter preservado significativo fragmento de Mata Atlântica. A serra da Mantiqueira, que corta o município, preserva algumas manchas que atraem visitantes e pesquisadores ávidos por conhecê-las. Nos últimos anos, tem crescido o apoio à criação voluntária, pelo setor privado, de Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPN), única categoria de unidade de conservação prevista no Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC). Para tanto, é preciso, além da vontade dos proprietários de terras para a criação, o cuidado, respeito e fiscalização de todos os que se preocupam com o meio ambiente e reconhecem a importância dos remanescentes florísticos. Aos órgãos competentes cabe, além da fiscalização, assegurar o cumprimento da Lei.

As questões relacionadas ao meio ambiente dizem respeito a todos nós. De uns anos pra cá, devido aos constantes agravos à natureza, o homem começou a se preocupar com a perda desse patrimônio. A criação de reservas naturais privadas tem papel fundamental tanto na proteção de remanescentes e na conexão entre eles, quanto na melhoria da qualidade de vida.

Piquete, que vê no turismo ambiental uma alternativa para seu crescimento e desenvolvimento, com geração de renda para os munícipes, precisa deixar do discurso e passar à prática no que tange ao cumprimento da Lei.

Exposição de Taninha Chaves e Cléo Lajóia

Muitos acreditam que a arte, em particular a pintura, é um território reservado a uns poucos privilegiados e, portanto, inacessível ao homem comum. Essa crença, embora generalizada, não tem o menor fundamento. Todo ser humano é sensível à beleza e pode reproduzir criativamente as cores e as formas da natureza. É o que pôde ser constatado por todos que visitaram a Exposição de Pintura das artistas plásticas Taninha Chaves e Cléo Lajóia promovida pela Fundação Christiano Rosa, no Espaço Cultural "Célia Ap. Rosa", no dia 26 de maio.

Abertura da Exposição

A noite de abertura da exposição contou com a presença de diversos convidados e amigos das expositoras, que puderam apreciar as obras e se divertir ao som do músico Kiko Ribeiro. Também homenageou as artistas o poeta Antônio Domingos de Paula, que declamou poema de sua autoria.

Acima, Taninha Chaves e Cléo Lajóia. Abaixo, Taninha entre amigos que prestigiaram a abertura da exposição.

Acima, o artista plástico Lúcio "Daqui" Meirelles entre as expositoras da noite, que, abaixo, recebem homenagem da FCR.

Fotos Laurentino Dias

As tradicioanais festas juninas

As festas juninas de hoje adaptaram-se aos tempos. Mantêm ainda, no entanto, sua magia, fazendo-nos reviver mitos e reunir centenas de pessoas, por todo o território brasileiro, em diversos "arraiais" armados em escolas, clubes e bairros.

No interior de São Paulo e no Sul de Minas, há uma preocupação em comemorar essas festas nos moldes simples do homem do campo. Ao contrário das grandes cidades, que vão deixando de lado o caráter folclórico dessas festas, nas pequenas as tradições sobrevivem.

Foto de "Casamento Caipira", em Piquete, nos anos 60

Faz parte desses eventos saborear as comidas típicas ao som de sanfonas, apreciando, à luz da fogueira, a famosa quadrilha que tanto cativa e alegra. O caráter religioso não é esquecido, tanto que é comum a reza do terço antes do início das festividades.

As fogueiras

As fogueiras iluminam os terreiros da festa e aquecem as frias noites de junho. O modo de construí-las merece uma consideração à parte: a de Santo Antônio é quadrada; a de São João, redonda; e a de São Pedro, triangular. O festeiro designado para comandar os festejos de qualquer um dos santos de junho deve saber escolher o "Capitão de Mastro" e o "Alferes de Bandeira", os quais organizarão a fogueira e tratarão da confecção da bandeira e de sua implantação no mastro. É adequado, também, fincar-se um pau-de-sebo no local da festa, para diversão da festa. A fogueira centraliza a festa.

Casamento caipira

O casamento caipira acontece principalmente no dia dedicado a São Pedro. Em alguns lugares, essa cerimônia é conhecida também como "casamento na roça". É uma paródia às cerimônias tradicionais. O cerimonial é precedido por um grande cortejo pelas ruas do lugar, no qual os principais personagens da representação são: a noiva grávida, o noivo, o delegado, o padre, os pais dos noivos, padrinhos etc. O enlace caricaturado desenvolve-se em meio à fuga do noivo, às indecisões da noiva e ameaças por parte dos pais, vigário e delegado. Os textos apresentam uma linguagem libidinosa e os sermões contêm fortes conotações crítico-sociais. Após a celebração do casamento, inicia-se a quadrilha.

A quadrilha

Apreciada e cantada nas festas, a quadrilha é uma dança francesa que tem raízes nas contradanças inglesas (country dance = dança rural), e surgiu no final do século 18. Essa dança desembarcou no Brasil com a família real portuguesa, em 1808. Somente a alta sociedade da época se divertia, em suas recepções, ao som da quadrilha. Com o tempo, esse modismo importado da França caiu nas graças do povo, passando, então, a integrar o repertório de cantores e compositores. Foi assim que a quadrilha deixou os salões aristocráticos, para entrar nas festas populares. Surgiram, então, no interior do pais, as variantes, com a "quadrilha caipira". Ainda hoje, a quadrilha é dançada no interior para homenagear os santos juninos e agradecer as boas colheitas da roça. O instrumento tradicional da quadrilha é a sanfona. Mas, a pitada que dá o toque especial às nossas festas juninas é a culinária de influência indígena, com comidas à base do milho: espigas de milho cozidas ou assadas, pamonha, cural, canjica, bolo de fubá, pipoca, além do amendoim e da mandioca.

Dessa maneira, unindo música, teatro e boa comida, as festas juninas expressam um rico imaginário sobre a vida cotidiana de um povo simples. É, antes de tudo, uma oportunidade em que se dança e se cantam os costumes herdados da sabedoria de nossos ancestrais. Sábios ensinamentos que tempo se encarregou de deixar para trás, mas que nossa memória se nega a esquecer.

Estado cria Banco de áreas para reflorestamento

No dia 6 de junho, na Fazenda Conceição, em Lorena, o governador José Serra e o Secretário de Meio Ambiente, Xico Graziano, lançaram o Banco de Áreas Disponíveis para Recuperação Florestal. A resolução criando o Banco, cujo objetivo é conciliar os interesses de proprietários que dispõem de recursos para essa finalidade, foi assinada pelo Secretário Graziano. O Banco de Áreas deverá estimular a ampliação da cobertura vegetal existente, neutralizar as emissões de gases que colaboram para o efeito estufa e fortalecer os projetos ambientais estratégicos do governo do Estado.

Segundo o governador, "a meta do governo é recuperar 1,7 milhão de hectares de áreas ciliares, o que deverá promover o aumento da cobertura vegetal no Estado em 50%". Serra salientou que se trata de um programa de 25 anos, pois, para o replantio de um hectare são necessárias mais de 2 mil mudas; assim, para atender todo o programa serão necessárias 3,4 bilhões de mudas, cuja produção demanda longo prazo. Afirmou, também, que os órgãos do Estado prestarão assistência técnica aos que aderirem ao programa.

O Secretário de Meio Ambiente enfatizou que se trata do "mais ousado projeto de recuperação de áreas degradadas, abrangendo uma área de 115 mil hectares no Vale do Paraíba, com o apoio do governador e o envolvimento da Secretaria da Agricultura e Abastecimento, organizações não governamentais e empresários, todos querendo ajudar a melhorar a qualidade do meio ambiente".

A Fundação Christiano Rosa faz-se presente na Fazenda Conceição

O encontro na Fazenda Conceição contou, também, com a presença dos prefeitos de Lorena, Piquete, Potim, Cachoeira Paulista, Roseira, Guaratinguetá e Canas. A Fundação Christiano Rosa fez-se presente, uma vez que vem trabalhando em vários projetos de revegetação de matas ciliares, tendo adquirido know-how e respeitabilidade pelos trabalhos executados.

Este é um ótimo momento para que Piquete se engaje nesse projeto, que, se bem conduzido e executado, colocará o município na dianteira de uma trabalho de preservação ambiental.

"As vastas florestas atlânticas, no apogeu de sua pujança, já pertencem ao passado, e elas jamais poderão ser restauradas. Porém, se tivermos bom senso e sabedoria, ainda poderemos preservar amostras significativas de seu antigo esplendor e impedir que no futuro sejamos justamente considerados vândalos irresponsáveis."

Almirante Ibsen de Gusmão

Crônicas Pitorescas

Expiação afetiva

Palmyro Masiero

Concentrara toda sua força e vontade naquele encontro. Ali estava, na esquina, vendo a rua passar.

Sentia-se tão sem expressão, como um "i" maiúsculo isolado. Mas, num instante que não consegue explicar, resolvera aquilo: e agora, que tinha vencido um mínimo de sua timidez, em pelo menos tentar, não voltaria atrás. Suava! Calafrios passeavam pelo seu corpo, tão ereto quanto era possível pelo pesado fardo de seu acanhamento.

Acendeu um cigarro na bita do outro, que já lhe queimava os dedos. Engolia fumaça, não tragava.

– Afinal de contas, pensou, não sou obrigado a fazer isso!

E não era; todavia, algo superior às suas forças tentava-o àquilo. Enxugava o rosto a todo instante, num gesto mecânico. Olhava o relógio a cada segundo. Estava quase na hora de acontecer. Mais uma vez ensaiou as palavras que diria.

Resolveu mudar o pensamento e deixar-se à vontade, como se tudo andasse normalmente. Mas não conseguia. Estava gelado! Colocou o cigarro ao contrário nos lábios e soltou um gemido. Esquecera-se do que pretendia dizer.

– Deixaria pra outro dia? – continuou pensando.

Sua reflexão permanecia muda, sem resposta. Nisto, avistou-a. Ficou paralisado, mortificado, assorvetado. Cada passo dela em sua direção era como se um estilete lhe fosse penetrando o coração em pequenos trancos. E este dava batidas que deveriam ser ouvidas a léguas. Sua cor era de cera vagabunda. Quase toda parte líquida de seu corpo escorria pelo rosto. Ela chegou:

– Você mandou recado para que eu o encontrasse aqui. Pois não...

O instante era por demais trágico. O calor do inferno envolvia-o. Fitava-a e não a via. Onde se meteram as palavras que fazia pouco ensaiara? Aonde teriam ido?

– Sim... – respondeu, como se, desesperado por uma tortura terrível, um prisioneiro dissesse sua última palavra.

– Pode falar.

Novo tormento. Era sua vez de se pronunciar novamente. Em frações de segundo considerava: conhecia-a do escritório. E se ela achasse graça em sua declaração e comentasse com o resto da turma? Ah! Ele seria obrigado a abandonar o emprego. Morreria de vergonha se tal acontecesse. Largou-se, abandonou-se.

– Soube que você andou falando mal de mim... – disse, tremulamente, a tolice que logo reconheceu. Teve vontade de se evaporar. Ela iria rir-se dele ali mesmo. Ah! Se caísse um raio!

– Nunca seria capaz de falar mal de você. Uma porque não o conheço bastante e outra...

Parou. Ele olhou-a mais valentemente e teve ânsias de gritar-lhe qual era a outra. Já conseguia divisá-la...

– ... Outra – continuou ela abaixando a cabeça – porque simpatizo com você.

Estremeceu. Não, aquilo não era calor do inferno, era do paraíso. Via-se mentalmente ao lado dela nos cinemas, nos passeios...

– Jura? – disse estupidamente.

– Sim. – meigamente ela respondeu.

"Ô idiota, vê se fala algo que se aproveite, e não bobagens" – xingava-se a si mesmo lá dentro da cuca.

– Eu também simpatizo muito com você – disse, admirando-se de sua coragem.

– Bem – ela falou –, tenho que ir, se não fica tarde.

– Eu também – calhordamente replicou ele.

– Então... Até amanhã.

– Vamos nos encontrar amanhã? – perguntou numa reunião monstro de coragem.

– Você me espera na saída do escritório.

– Está bem. Então, até amanhã.

Ela partiu. Ele ficou... abobalhado. Não sentia a calçada, era algodão. O ar era perfume. Seu corpo, uma bolha alando-se no espaço. Era o único no mundo.

Arrumara sua primeira namorada.

80 anos de Ariano Suassuna

Ariano Vilar Suassuna (João Pessoa, 16 de junho de 1927) é um dramaturgo, romancista e poeta brasileiro.

Filho do ex-governandor da Paraíba, João Suassuna (1924-1928), Ariano Suassuna, um dos mais importantes dramaturgos brasileiros, autor dos célebres "Auto da Compadecida" e "A Pedra do Reino", é defensor militante da cultura brasileira.

Lindas tardes de Piquete

Edival da Silva Castro

Certa vez, adentrando o bilhar do Zé Serafim, um senhor de meia idade trocava o pano das mesas dos bilhares. Por tratar-se de serviço habilidoso, permaneci por ali. Nunca tinha visto uma mesa de bilhar sobre pedra: nua, sem tabelas e sem caçapas. Enchi-o de perguntas, não sei se atrapalhei ou não, mas matei minha curiosidade e fiquei conhecendo o artesão.

Além de trabalhar com mesas de bilhar, passei a notá-lo andando pelas ruas, de bicicleta, transportando cabide com roupas, principalmente ternos. Sempre alegre e comunicativo, por onde passava deixava seu sorriso de otimismo e perseverança. Meus amigos comprovaram sua aptidão como tintureiro, tanto é que, depois de o conhecer melhor, virei seu freguês.

Numa noite encalorada de lua bonita, passava pela Praça da Bandeira, quando deparei com um grupo de seresteiros. Lá estava ele no meio, dedilhando com maestria as cordas dum vistoso violão. Aproximei-me, cauteloso, e falei-lhe ao ouvido.

– Que isso, essa não é a sua praia!

Deu uma rápida passada com o polegar pelas cordas do violão, olhou-me cabeceando afirmativo, e disse-me:

– Eu, além de tocar e cantar, sou violeiro.

– Violeiro?

E dando alguns tapinhas no violão, replicou:

– É, este foi eu quem fiz.

Falar o que. Já o admirava pelo seu serviço de artesanato, por ser excelente tintureiro e agora fabricante de instrumento de cordas. Não me parecia tão versátil, tinha-o como pessoal normal.

Morava em São Paulo quando soube do seu passamento. Lastimei profundamente a perda do amigo. De imediato, lembrei-me das mesas de bilhar desnudas, do seu vaivém de bicicleta entregando roupas e também da roda de seresteiros daquela noite na Praça da Bandeira.

Como tudo passa, o tempo passou.

Outro dia, em Lorena, na residência do A.J. da Silva, admirador por excelência da MPB, em conversa informal, falei-lhe que era filho de Piquete. Então perguntou-me:

– Você, sendo filho de Piquete, deve ter conhecido o saudoso Sebastião Claudino.

– O Cláudio?!? Tocador e fazedor de violão, trocador de pano de bilhar e tintureiro... Claro que o conheci!

O amigo foi até a discoteca, pegou um CD no rico acervo do velho baú e pôs a tocá-lo na faixa cinco. A canção preferida fora "Lindas tardes de Piquete". Cantada por Bosquinho, com letra e música de Sebastião Claudino.

Pedi bis. Era outra qualidade sua que desconhecia: poeta.

A procissão de Corpus Christi

A manifestação de fé demonstrada pela população católica de Piquete que acompanhou, pelas ruas ornamentadas da cidade, a procissão de Corpus Christi, no dia 07 de junho, emocionou a todos que a assistiram.

Havia muito não se via tamanha concentração de fiéis atentos às palavras do Evangelho, na pregação do vigário. Corpus Christi é uma festa das mais importantes para o católico, convicto da presença de Cristo na Eucaristia. Hoje, mais do que nunca, é preciso que se fortaleça a fé, uma bem-aventurança que recebemos de Jesus Cristo, por intermédio das dúvidas levantadas por São Tomé, a quem o Mestre disse: "Creste porque me viste. Felizes aqueles que crêem sem terem visto!" (Jo 21-29). A presença de Cristo na Eucaristia, celebrada nessa festa móvel da Igreja Católica, acontece na quinta-feira seguinte ao domingo da Santíssima Trindade. Foi instituída pelo Papa Urbano IV, com a Bula Transiturus, de 11 de agosto de 1264.

No Brasil, essa tradição chegou com os colonizadores portugueses, que trouxeram o costume de ornamentar as ruas por onde passa a procissão. Enfeitam-nas com tapetes de colorido vivo e desenhos de inspiração religiosa, as janelas e as sacadas das casas forradas com toalhas bordadas e tapeçarias especialmente reservadas para esse dia.

A celebração de Corpus Christi consta de missa, procissão e adoração ao Santíssimo. Lembra a caminhada do povo de Deus, que é peregrino, em busca da Terra Prometida. No Antigo Testamento, esse povo foi alimentado com o maná, no deserto, e hoje é alimentado com o próprio Corpo de Cristo. Durante a missa, o celebrante consagra duas hóstias, sendo uma consumida, e a outra apresentada aos fiéis, para adoração, como sinal da presença de Cristo vivo no coração da Igreja.

A procissão de Corpus Christi desse ano, após celebração da missa na igreja de São Benedito, saiu em direção à Matriz de São Miguel. No trajeto, aconteceram duas paradas, nas quais, em altares preparados, foi dada a bênção aos fiéis.

Nessa procissão, as associações religiosas desfilaram uniformizadas e portando seus estandartes. A prioridade era para a Irmandade do Santíssimo Sacramento.

Até a década de oitenta as ruas eram enfeitadas com extensos tapetes confeccionados com pó-de-serra, palha-de-arroz, pó-de-café, areia branca e colorida, e outros materiais.

Foto Arquivo Pró-Memória

A paz nossa de cada dia

Houve um tempo em que os órfãos e as viúvas dependiam completamente das pessoas com quem conviviam.

Ainda hoje sociedades tribais e religiosas atribuem ao pai e marido a inteira responsabilidade pela manutenção da esposa e dos filhos.

O pai de família, o provedor, arcava sob o peso da preocupação de nada deixar faltar e ainda manter uma reserva para momentos de crise, que se transformaria em herança em caso de morte.

Às mulheres, além dos afazeres de dona-de-casa e mãe, cabiam algumas ocupações, raramente assalariadas: a de parteira, a mais antiga profissão feminina; a arte culinária, onde sobressaíam as quituteiras; e a arte do tear e da agulha, onde pontificavam as tecelãs, as modistas, as bordadeiras e as rendeiras.

Nas sociedades agrícolas, algumas tarefas eram reservadas às mulheres, principalmente a partir da colheita. Uma ocupação quase exclusiva da área rural era a da remendeira, uma vez que a lida no campo imprimia sério desgaste às roupas.

Estas atividades femininas dificilmente se transformavam em profissões pelo grande número de mulheres que compunham a família: mães, avós e tias viúvas; e a figura mais explorada de toda a história da família – a solteirona.

Se o pai de família se desdobrava em mil para produzir bens, a solteirona fazia outro tanto nos afazeres domésticos. Era a parteira, cuidava da irmã ou da cunhada na dieta do parto, atendia aos sobrinhos pequenos, preparava os enxovais das sobrinhas noivas e dos sobrinhos que iam para o internato na cidade grande.

Quanto a Lei lhe destinava herança, era quase sempre prejudicada pelos irmãos, cunhados e parentes tutores. Muito poucas foram as exceções, geralmente filhas únicas que tinham recebido instrução de preceptoras contratadas ou em colégios religiosos.

Hoje é possível uma vida familiar sem sobrecargas e sobressaltos.

O marido pode trabalhar com gosto, exercendo a profissão de sua vocação, porque sabe que as mulheres da família estão preparadas para enfrentar o mercado de trabalho e todas as crises que surgirem.

As solteiras, as que optam não constituir família, provêem o próprio sustento como parteiras e quituteiras, mas também como pesquisadoras ou ministras.

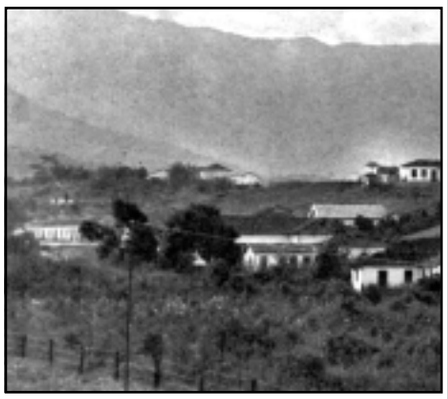
A competência da mulher tornou mais fácil a paz familiar. Onde todos estão prontos para a luta, o perigo é minimizado.

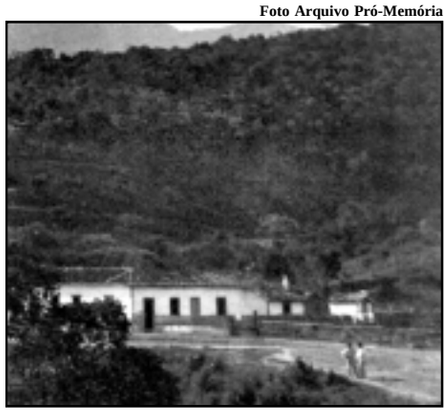
Presto minha homenagem aos maridos e às solteironas de antigamente na majestosa figura da produtora rural do sul do Brasil, que a televisão teve a felicidade de mostrar.

Dirigindo o trator, na sua lavoura, disse ela: "Antes de meu marido morrer, eu não havia dirigido sequer o carro da família".

Abigayl Lea da Silva

Foto Arquivo Pró-Memória





Piquete: 116 anos de emancipação político-administrativa

Por portaria de 7 de maio, corroborada pelo Decreto 166 de 17 do mesmo mês e ano, o governador do Estado, Dr. Américo Brasiliense de Almeida Melo, elevou à categoria de Vila a Freguesia de São Miguel do Piquete, município de Piquete. A Intendência da nova Vila marcou o dia 15 de junho para empossar as autoridades indicadas para geri-la. A partir desse dia, Piquete conquistou sua autonomia político-administrativa.

Modestíssima era a nova Vila. Se José Mariano Ribeiro da Silva, o "fundador" de Piquete, contava com a renda das grandes fazendas de café na área, assim como da do movimento tributário da estrada de Itajubá, teve duas decepções: o café dirigia-se para o norte e a ligação Minas-Cruzeiro enfraqueceu o movimento na estrada piquetense. Tal era o estado de penúria do município, que, em 1894, foi apresentado à Câmara dos Deputados um projeto revogando a Portaria de 7 de maio de 1891. Aprovado, seguiu destino ao Senado Estadual, que solicitou à Câmara lorenense um relatório sobre as reais condições da Vila Vieira do Piquete. E a informação foi dada num substancioso documento, demonstrando a total impossibilidade de sua autonomia.

Mais uma vez surge a figura ímpar do tenente José Mariano, que, em São Paulo, obsta a pretensão. Em verdade, se nada de anormal adentrasse o palco da vida piquetense, estaria ela fadada ao desaparecimento, pois a depressão que assolara o Vale do Paraíba, transformando centros, outrora riquíssimos, em cidades quase fantasmas, não pouparia a minúscula Vila Vieira.

Apesar de tantas influências batalharem para que a instalação de uma fábrica de pólvoras pretendida pelo Exército fosse levantada em outras cidades, a escolha recaiu sobre Piquete. Com a aquisição, em 1905, das fazendas Estrella do Norte, Limeira e Sertão, iniciou-se a construção da Fábrica de pólvora sem fumaça, inaugurada em 1909.

O estabelecimento dessa fábrica, talvez a primeira de grande porte no Vale do Paraíba, não somente alicerçou Piquete, como veio salvar também Lorena de total debacle.

Direta ou indiretamente, Piquete passou a viver exclusivamente da fábrica. A zona urbana teve, entre 1930 e 1960, um aumento populacional da ordem de 513%.

Através dos departamentos de assistência aos seus funcionários, que era extensivo a toda a população municipal, a Fábrica fez Piquete progredir assustadoramente, em particular nos setores social e educativo. Piquete brilhava em quase todos os sentidos. Tudo, entretanto, era proporcionado pelo estabelecimento fabril. Sua vida era gerada no órgão militar. O município continuava pobre.

Pela década de 70, com a instalação da IMBEL, os antigos órgãos foram extintos e Piquete estacionou, sem o paternalismo em que vivia. Sua condição, atualmente, é de acomodamento entre o ontem e o hoje. Esse é o grande desafio para as autoridades. Que caminhos deverão ser tomados para o crescimento e desenvolvimento de Piquete?

Carta aos amigos piquetenses

Dóli de Castro Ferreira

Caros concidadãos, cumprimentemo-nos.

Piquete, nossa cidade, completa 116 anos. Motivo de júbilo. Adentra o século XXI à busca do futuro, pois esta é sempre uma perspectiva engendrada no presente. Portadora do passado que a referencia entre as demais, guarda dele memória sempre rejuvenescida no espírito de seus cultores. Para que não morra.

Este periódico tem em suas principais linhas, já centenário em números editados, duas maiores vertentes: a do tempo passado na memória da Fábrica Presidente Vargas e seus efeitos sociais e urbanísticos, e a do presente, projetado pela conservação e defesa do ambiente. Ações cidadãs visando ao futuro. Aglutinadoras de planos. Agregadoras de propósitos.

Amigos, quando espelhamos a cidade, nela vemos as intervenções para as quais nos voltamos para pensar, e, a partir desse objeto, reuni-los em sua totalidade. Para avaliarmos. No ideário, a memória reveladora das perdas, alimentada por mitos que se reforçam pela retórica. No presente, vivenciamos os projetos que pululam, sempre na busca do bom efeito – não podemos acreditar que se possa querer o pior. Chamadas à participação, não têm faltado. Talvez falte amarração a partir da pedra angular, para que o cimento possa ser, sem paixões, coesivo. Afinal, quando estudamos, ou quando somente vivemos – o que já é muito –, aprendemos a pensar. A crítica construtiva pertence aos investigadores. Se assim não entendermos, desperdiçamos energias. No futuro, a nossa perene aposta para que dos ângulos das esquinas a história viva se revele sempre como força, não como esponja que absorve, dilui e dispersa.

A Fundação Christiano Rosa parabeniza os poderes constituídos e toda a comunidade piquetense pela passagem do 116º aniversário de emancipação político-administrativa do município.